A emblemática na obra de Diego de Saavedra Fajardo (1584-1648)

The emblematic in the work of Diego de Saavedra Fajardo (1584-1648)

Jaime Estevão dos Reis [*]
Universidade Estadual de Maringá

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar emblemática na obra do estadista espanhol Diego de Saavedra Fajardo (1584-1648). Foi embaixador da Espanha em diversas cortes europeias e no Vaticano. Cavaleiro da Ordem de Santiago, além dos cargos políticos e representativos, notabilizou-se como um dos mais célebres intelectuais espanhóis do século XVII. Entre as suas obras, destaca-se *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas*, também conhecida como *Empresas Políticas*. Nesta obra, ele adota o estilo em curso desde o século XVI na Europa, a emblemática. Trata-se de um gênero literário que, através da inter-relação entre mote, imagem e discurso, procura refletir acerca da arte de governar, através de aconselhamentos úteis ao príncipe.

Palavras-chave: Diego de Savedra Farjaro; Literatura; Emblemática.

Abstract

This article aims to analyze emblematic in the work of the Spanish statesman Diego de Saavedra Fajardo (1584-1648). He was Spain's ambassador to several European courts and the Vatican. Knight of the Order of Santiago, in addition to the political and representative positions, was noted as one of the most celebrated Spanish intellectuals of century XVII. Among his works, stands out *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas*, also known as *Empresas Políticas*. In this work, he adopts the current style since the sixteenth century in Europe, the emblematic. It is a literary genre that, through the interrelation between mote, image and discourse, seeks to reflect on the art of governing, through useful advice to the prince.

Keywords: Diego de Savedra Farjaro; Literature; Emblematic.

● **Enviado em: 11/05/2019**
● **Aprovado em: 10/07/2019**

[*] Doutor em História. Professor de História Medieval no Departamento de História (DHI) e no Programa de Pós-Graduação em História (PPH) da Universidade Estadual de Maringá. Coordenador do LEM – Laboratório de Estudos Medievais. E-mail: jaimeestevaoreis@hotmail.com

Diego de Saavedra Fajardo: político, diplomata e intelectual espanhol dos séculos XVI e XVII

Foi no conturbado ambiente da Espanha e da Europa dos séculos XVI e XVII, que viveu Diego de Saavedra Fajardo. Descendente de nobre família oriunda da Galícia, nasceu em Murcia, em 1584[1]. Aos dezesseis anos, iniciou seus estudos de Jurisprudência e Cânones na Universidade de Salamanca, graduando-se bacharel em 21 de abril de 1606. Nesse mesmo ano, foi à Roma, como secretário de cifra[2] do Cardeal Dom Gaspar de Borja, embaixador da Espanha na Corte Pontifícia. Neste ambiente magnífico de aprendizagem da vida política, conviveu com personalidades oriundas de diversas cortes europeias[3].

Antes de completar vinte e três anos, Diego de Saavedra Fajardo foi honrado com o título de Cavaleiro da Ordem de Santiago, em 1607. Em 1617, foi nomeado cônego de Santiago, apesar de não ter sido ordenado[4] e nem ter residido no local[5]. Assistiu em Roma, em 1621 e 1623, aos conclaves em que foram eleitos, os papas Gregório XV e Urbano VIII. Em dezembro de 1623 obteve o cargo de *Procurador* e *Solicitador* dos reinos de Castela, das Índias e Cruzada, perante à Corte de Roma[6].

Em 1630 voltou à Madrid, onde permaneceu prestando seus serviços junto à Corte da Espanha até o ano seguinte, quando, a pedido do Conde de Castel Rodrigo, embaixador da Espanha em Roma, regressou com ele para assisti-lo em seu cargo, continuando com o posto de *Procurador* e *Solicitador*. Permaneceu em Roma por cerca de um ano; durante este período, encarregou-se de duas importantes negociações: uma de caráter econômico e outra de caráter político-diplomático[7].

---

1 GARCÍA DE DIEGO, Vicente. Prólogo. In: SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. *República Literaria*. Madrid: Espasa-Calpe, 1956, p. VII-VIII.

2 Forma como eram codificadas as correspondências oficiais na época. Havia, portanto, secretários especializados em cifrar e decifrar tais documentos, cujos caracteres costumavam variar com o tempo e de acordo com o destinatário. Saavedra Fajardo desenvolveria, posteriormente, uma cifra própria, que utilizaria em suas correspondências.

3 GONZÁLEZ PALENCIA, Angel. *Del "Lazarillo" a Quevedo.* Madrid: CSIC, 1946, p. 237.

4 Segundo Fernández-Carvajal, Saavedra Fajardo parece não ter tido vocação eclesiástica, uma vez que se limitou a receber ordens menores. FERNÁNDEZ-CARVAJAL, Rodrigo. Síntesis biográfica de Saavedra Fajardo y Génesis de las "Empresas Políticas". In: SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas* [fac-símile da edição original de 1642]. Murcia: Real Academia Alfonso X, el Sabio, 1994, p. XVIII.

5 O fato de não residir em Santiago, provocou protesto do Cabido e Saavedra foi obrigado a utilizar sua alta influência, para que o Sumo Pontífice autorizasse, por um *Breve*, o recebimento de rendas. Como os descontentamentos continuavam, tomaram partido o Cardeal Borja e o Conde de Lemos que tinham em conta a justificada ausência de Saavedra Fajardo, como secretário em Roma. Em 1623, ele renunciou ao cargo. GONZÁLEZ PALENCIA, Angel. Del "Lazarill" a Quevedo. Madrid: CSIC, 1946, p. 238.

6 GARCÍA DE DIEGO, op. cit., p. X.

7 ALDEA VAQUERO, Quintin, Introducción". In: ___. *España y Europa en el siglo XVII:* correspondencia de Saavedra Fajardo. Madrid: Departamento Enrique Flores - Centro de Estudios Históricos, 1986, p. XXII.

A negociação econômica, consistiu em obter a expedição de um *breve*[8] pontifício para que os eclesiásticos de Castela e Leão participassem na contribuição denominada *servicio de millones*. Para esta contribuição, votada pela primeira vez nas Cortes de 1589, os eclesiásticos deveriam repassar ao Estado, cerca de dezenove milhões e meio de ducados, à razão de 3.250.000 ducados ao ano, mais 750.000 ducados anuais, substitutivos do preço do sal, resultando num total de vinte e quatro milhões, à razão de quatro milhões ao ano. Negociou, também, a obtenção de outo *breve* apostólico para que os eclesiásticos pagassem um décimo de 600.000 ducados sobre seus bens[9].

A negociação político-diplomática estava relacionada à reconciliação entre o Papa Urbano VIII e o Cardeal Borja, cujas relações foram abaladas pelas críticas feitas pelo Cardeal à política do Papa em relação ao Império, ou seja, pelo fato do Papa ter induzido a Baviera a aliar-se com a França, e por negar-se a contribuir financeiramente com a restauração católica na Alemanha. Como a situação era insustentável para ambas as partes, procurou-se chegar a um acordo. Devido a sua habilidade como negociador e a amizade com o Cardeal, fez-se de intermediário na reconciliação. Estava em vias de obtê-la quando partiu de Roma, pois recebeu ordens para trasladar-se a Milão para receber suas credenciais de enviado à Corte da Alemanha[10].

Embarcou em Civitá Vecchia em primeiro de maio de 1633, nas galeras que zarpavam rumo à Gênova. Permaneceu nessa cidade por alguns dias e chegou a Milão no dia 22 desse mesmo mês. Em Milão deteve-se por mais tempo do que esperava, em função dos entraves burocráticos à obtenção de suas credenciais. Desvencilhando-se de tais entraves, partiu rumo à Corte da Baviera. Chegou a Innsbruck[11], Corte da Arquiduquesa de Tirol, em 3 de julho e daí partiu para Braunau[12], onde teve sua primeira audiência com o Príncipe Eleitor, o Duque Maximiliano da Baviera, na qual apresentou suas credenciais de enviado do rei da Espanha[13].

Sua missão era a de evitar a aliança da Alemanha com a França. Para isso, negociou ajuda econômica e militar com o duque da Baviera, para enfrentar os suecos, que haviam tomado a cidade alemã de Augsburgo e estavam prestes a tomar Breisach. Saavedra Fajardo temia que a não-colaboração espanhola pudesse provocar a aproximação de Maximiliano com as forças de Richelieu. Em carta datada de 24 de agosto de 1633, adverte o duque de Feria, chefe das forças espanholas na Europa que, se Maximiliano se aliasse à França, ou declarasse

8 Decreto.
9 Ibidem, p. XXIII.
10 Ibidem, p. XXIII-XXIV.
11 Na época, Sul da Alemanha, hoje pertence à Áustria.
12 Na época, cidade da Baviera, hoje pertence à Áustria.
13 Ibidem, p. XXIX-XXXI

neutralidade ao inimigo, o Império e a Sereníssima Casa de Áustria estariam em perigo, porque, com ele, haveriam de se declarar outros príncipes eleitores. Graças às suas habilidades diplomáticas, nos fins de 1633, Maximiliano havia se tornado um forte aliado à estratégia hispano-imperial[14].

Dois anos após, em 1635, foi agraciado com o título de Conselheiro das Índias, ainda que não tomasse posse até 1643, por estar em missão diplomática na Baviera. Em 1636, foi enviado como ministro da Espanha à Ratisbona[15], onde assistiu à convenção eleitoral em que o Imperador Fernando III foi nomeado Rei dos Romanos. Em 1637, esteve em Munique em missão diplomática[16].

Por ordem de Felipe IV, em 1638, fez uma jornada ao Condado de Borgonha[17], onde apaziguou conflitos populares em Besançon. Esteve, também, em viagens pelo Franco Condado[18], nos Cantões da Suíça e, de novo, à Ratisbona, para assistir à Dieta Geral do Império[19]. Em 1640, viajou para Viena, cidade onde compôs sua principal obra: *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas*, conhecida também como *Empresas Políticas*.

No prólogo "ao leitor", explica as condições de criação da obra:

> En la trabajosa ociosidade de mis continuos viajes por Alemania, i por otras Provincias pensè en esas cien Empresas, que forman la Idea de vn Principe Politico Christiano, escriviendo en las posadas, lo que avia discorrido entre mi por el caminho, quando la correspondencia ordinaria de despachos con el Rei nuestro Señor, i con us Ministros, i los demas negócios publicos, que estavan à mi cargo, davan algun espacio de tiempo[20].

Retornou à Espanha no início de 1643, recebendo o título de Conselheiro das Índias, que lhe havia sido outorgado em 1635. Em 11 de junho deste mesmo ano, foi nomeado como um dos plenipotenciários de Münster, em Vestfália. Nesta cidade, juntou-se aos célebres representantes de diversos reinos para discutir o estabelecimento de uma paz geral na Cristandade, que desde 1618 estava envolvida na Guerra dos Trinta Anos.

De forma sintetizada, podemos dizer que, neste conflito, se apresentavam duas ideologias de mundo: de um lado encontravam-se os partidários da ordem tradicional, a Casa

14 Ibidem, p. XXXVIII-XLII.
15 Sudoeste da Alemanha, próximo à fronteira com a Áustria.
16 GARCÍA DE DIEGO, op. cit., p. XI-XII.
17 Província espanhola, parte do Império Habsburgo.
18 Província espanhola, parte do Império Habsburgo.
19 GONZÁLEZ PALENCIA, op. cit., p. 239.
20 SAAVEDRA FAJARDO, Diego de*. Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas* [fac-símile da edição original de 1642]. Murcia: Real Academia Alfonso X, el Sabio, 1994, p. 5.

de Áustria, representada pelos Habsburgos alemães e espanhóis, que aspiravam impor os ideais da Contrarreforma e defendiam uma Europa verticalizada sob os poderes universais do papado e do Império. De outro, os partidários de uma nova ordem, os Estados do Norte da Europa (Holanda, Suécia, Dinamarca) e a França de Richelieu, que pretendiam uma organização segundo os princípios da Renascença (individualismo, racionalismo e incipiente nacionalismo), e postulavam uma "Europa horizontal", baseada num mosaico de Estados reciprocamente independentes e soberanos, que se relacionariam a teor de um equilíbrio puramente mecanicista[21].

As negociações iniciadas em dezembro de 1644, em Münster, tornaram-se lentas e complicadas. Os embaixadores da França e da Suécia recusaram-se a negociar apenas com o imperador e exigiam que os representantes de todos os Estados do Império sentassem à mesa. Passaram-se oito meses até que o imperador decidisse atender a esta exigência. Esta concessão complicou ainda mais os trabalhos. Agora, o congresso não discutiria apenas a paz entre imperador e seus inimigos, mas decidiria sobre os assuntos internos do Império.

Os representantes dos Estados protestantes reuniram-se em Osnabrück, sob a direção da Suécia, enquanto que os católicos se reuniram em Münster, apoiando ora as teses do imperador, ora as da França. Todavia, a França e a Suécia não estavam sozinhas nas negociações com o imperador. Maximiliano da Baviera que, por esforço de Saavedra Fajardo, havia se tornado, em 1633, um aliado da causa imperial, agora apoiava a França, e esta, em contrapartida, lhe apoiava, para que conservasse seu título de Eleitor e as suas terras do Palatinado. Por outro lado, o imperador apoiava a Suécia em suas pretensões de manter o controle da Pomerânia às expensas de Brandemburgo, como o preço de uma paz geral. França e Suécia esperavam o curso dos acontecimentos bélicos para negociar em uma posição fortalecida[22].

Diego de Saavedra Fajardo não esperou pelo fim das negociações, cansado pelo excesso de trabalho e por acreditar que o desejo de paz não era comum entre os participantes, retirou-se do Congresso e voltou à Madrid ainda no ano de 1646. Foi substituído pelo Conde de Peñaranda. A paz somente seria obtida em 1648, ano de sua morte, com o Tratado de Vestfália, proclamando o fim da Guerra dos Trinta Anos e acabando, de vez, com o ideal católico e imperialista dos Habsburgos na Europa[23].

Por força deste tratado, a Espanha reconheceu a independência da Holanda.

21 GARCÍA DE DIEGO, op. cit., p. XIII.
22 Ibidem, p. XIII.
23 Ibidem, p. XIII-XIV.

Efetivou-se, também, um acordo com o imperador e o Império, em que foram cedidas à França, as regiões de Breisach, Filisburgo, Zuntgau, as duas Alsácias e outras províncias espanholas. Todavia, a Espanha não aprovou, nem legitimou tais concessões, até a realização do acordo de Paz dos Pirineus, em 1659, quando as disputas foram superadas, em função do matrimônio de Luis, o Grande, da França, com a princesa Maria Teresa, filha de Felipe IV[24].

Em 31 de janeiro de 1647, Diego de Saavedra Fajardo obteve a nomeação de Conselheiro da Câmara das Índias. Ao fixar residência em Madrid, decidiu morar no convento de Recoletos Augustinos, mas acabou vivendo na casa do hospital de San Antonio[25], onde morreu, em 24 de agosto de 1648, aos sessenta e quatro anos. Foi sepultado na capela do convento de Recoletos e em 1836, transferido à Colegiata de San Isidro. Em 1884, seus restos mortais foram novamente removidos, para serem enviados à Catedral de Murcia, onde permanecem atualmente[26].

A produção cultural saavedriana: obras político-literárias

A agitada carreira diplomática de Diego de Saavedra Fajardo não o impediu de dedicar-se à composição de obras, que fizeram dele um dos principais escritores políticos espanhóis do século XVII. Suas ideias revelam uma profunda erudição, o conhecimento de um político e intelectual cuja experiência havia adquirido ao longo de sua vida pública.

Conforme afirmamos acima, a mais célebre de suas obras é *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas*, ou *Empresas Políticas*. Com essa obra, afirmou-se como um dos representantes de um gênero literário que se difundiu nos séculos XVI e XVII em todo o Ocidente: a literatura de *emblemas* e *empresas*.

Antecede as *Empresas Políticas*, uma obra escrita em 1612, fruto de sua juventude, intitulada *República Literaria*, que durante algum tempo circulou anônima pela Espanha. Todavia, a curiosidade sobre a autoria e o interesse despertados por ela, suscitaram a reprodução de diversas cópias. Reproduções descuidadas, estas cópias acabaram por distorcer muitas das ideias desenvolvidas no texto original. Com o objetivo de expurgar as modificações introduzidas pelos copistas, Saavedra Fajardo se dispôs a reescrevê-la e dar-lhe

[24] Para uma visão geral da Europa e da Espanha no contexto da Guerra dos Trinta Anos, conferir: COOPER, J. P. (org.) *Historia del mundo moderno:* la decadencia española y la Guerra de los Treinta Años. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1974, p. 216-372; PENNINGTON, D.H. *Europa en el siglo XVII.* Madrid: Aguilar, 1973, p. 306-369; WEDGWOOD, C.V. *The Thirty Years War.* London: Pimlico, 1992.

[25] Por razões desconhecidas, Saavedra não chegou a residir em Recoletos.

[26] GONZÁLEZ PALENCIA, op. cit., p. 239.

uma nova forma[27]. Mesmo assim, não se sentiu encorajado a publicar este seu primeiro trabalho, esperou que sua obra de maior fôlego - as *Empresas Políticas* - conquistasse a simpatia do público.

Publicada postumamente em 1665, a *República Literaria* é uma obra alegórica, na qual, sob a ficção de um sonho, tece críticas e comentários a diversos escritores antigos e modernos. Para G. Bleiberg e J. Marias, a crítica elaborada por Saavedra, é interessante, não tanto pelo seu juízo pessoal, mas pelo que revela de atitude estética de uma época[28].

Marcelino Menéndez Pelayo considerava a *República Literaria* como "uno de los desenfados más ingeniosos y apacibles [da literatura espanhola] del siglo XVII"[29]. Já Ludwig Pfandl, considera-a uma obra menor, na qual vê uma seleção de nomes demasiadamente unilateral. Segundo este autor, Cervantes, Quevedo e Calderón não aparecem e outros famosos contemporâneos, como Lope de Vega e Velázquez, são tratados muito genericamente[30].

Outra obra anterior às *Empresas Políticas* é *Introducciones a la política y razón de Estado del Rey Católico don Fernando*, escrita em 1631. Nesta obra, Saavedra Fajardo busca inspiração na literatura medieval dos *espelhos* ou *protótipos* de príncipes para, semelhante ao que faria nas *Empresas Políticas*, traçar o perfil do príncipe perfeito, tomando como modelo, o príncipe espanhol Fernando, o Católico (1452-1516).

Posteriormente às *Empresas Políticas*, suas obras assumem um caráter nitidamente pragmático. É o que podemos deduzir de *Loucuras de Europa, diálogo entre Mercurio y Luciano*, escrita em Münster num momento bastante crítico para a monarquia espanhola, em que o principado da Catalunha havia se anexado à França e a Holanda apoiava o príncipe de Orange, que, por sua vez, havia sublevado os Países Baixos. Saavedra Fajardo procura mostrar, através de observações políticas e diplomáticas, as loucuras que cometia a Europa, recusando-se a reconhecer os favores que devia à Casa de Áustria[31].

Planejou, em 1645, com o mesmo objetivo, a *Corona gótica, castellana y austríaca*,

---

27 É o que se deduz da dedicatória feita por Saavedra ao Conde-Duque de San Lucar: "Ese fué, señor, el primer parto de mi ingenio, delito de la Juventud, como se descubre en su libertad i atrevimiento. Dejele peregrinar desconocido por España [...] i, aunque fué bien recibido, volvió a mi presencia tan ultrajado de los que le avían copiado, que me obligó a formallo de nuevo, con tales contraseñas que se pareciese más a su padre". SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. *República Literaria.* Madrid: Espasa Calpe, 1956, p. 3.

28 BLEIBERG, G. e MARIAS, J. (org.). *Diccionário de la literatura española.* Madrid: Revista de Occidente, 1953, p. 644.

29 Apud MURILLO FERROL, F. *Saavedra Fajardo y la política del barroco.* Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1989, p. 18.

30 PFANDL, Ludwig. *Historia de la literatura nacional española en la Edad de Oro.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1952, p. 599.

31 GUILLAMÓN ALVAREZ, F.J. La Guerra de los Treinta Años y la interpretación critica de las <<Empresas>>. In: SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas* [fac-símile da edição original de 1642]. Murcia: Real Academia Alfonso X, el Sabio, 1994, p. XXXIX.

durante o Congresso de Münster. Trata-se de uma exposição de intenção declaradamente diplomática. Naquela época, circulava pela Europa, um certo Sparwenfeldt, enviado do rei da Suécia, à busca de documentos e restos góticos. Considerando o orgulho com que os soberanos e os intelectuais do norte da Europa recordavam seus antepassados germânicos, suas conquistas e fundações de reinos, Saavedra Fajardo, de temperamento predominantemente diplomático, mostrou-se solidário com o representante do rei sueco, e lembrando o passado visigodo da Espanha, queria despertar as simpatias da Suécia em favor da Espanha e contra a França[32].

Além destas obras, escreveu, sob pseudônimo, alguns opúsculos também de cunho político. São eles: *Dispertador a los trece cantones de esguízaros; Carta de un holandés a otro, ministro de aquellos Estados; Relación de la jornada al Franco Condado e Carta de un francés a otro del Parlamento de París*[33].

Tem-se atribuído a Saavedra Fajardo, a paternidade de dois escritos anônimos, ambos anteriores às *Empresas Políticas*. O primeiro, aparece como apêndice de uma cópia falsificada da obra de Giovanbattista Birago, *Istoria della disunione del regno di Portogallo dalla Corona di Castiglia*, impressa em 1647. Este escrito anônimo, datado em Madrid, em 29 de dezembro de 1630, apresentava o seguinte título: *Indispositione generale della monarchia di Spagna, sue cause e remedi, al conte duca di Olivares*. O exemplar existente na biblioteca da Universidade de Santiago traz uma anotação manuscrita, com letra do século XVII, indicando a autoria à Diego de Saavedra Fajardo. O segundo, intitulado *Respuesta al manifiesto de Francia*, aparece impresso em Madrid, em 1635[34].

De acordo com Francisco Murillo Ferrol, entre as pequenas obras atribuídas ao autor, existem alguns *Apuntamientos* isto é, instruções aos desenhistas que iriam, supostamente, criar o *corpus* das *Empresas Políticas*[35]. Também escreveu antologias poéticas e uma correspondência que totaliza aproximadamente duas mil cartas, a maior parte delas trocadas com o Cardeal Infante Dom Fernando, irmão de Felipe IV e governador de Flandres, a quem também enviava cópias da correspondência dirigida ao rei, ao Conde-Duque de Olivares e a outras personagens importantes da época. A correspondência está, em sua maioria, escrita em cifra e grande parte dela encontra-se nos Arquivos Gerais do Reino de Bruxelas (dezesseis

32 Saavedra Fajardo deixou escrito somente a primeira parte *Corona Gótica*, a obra foi continuada cinquenta anos depois da morte do autor, por Nuñez de Castro que escreveu a história de Castela e da Espanha, durante a Casa de Áustria. Veja-se: PFANDL, op. cit., p. 599.

33 MURILLO FERROL, F. *Saavedra Fajardo y la política del barroco.* Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1989, p. 19.

34 Ibidem, p. 19.

35 Ibidem, p. 20.

volumes entre originais e cópias), no Arquivo de Simancas e em outros arquivos espanhóis e estrangeiros[36].

A Literatura de *Emblemas* e *Empresas*

Neste tópico, discutiremos a emblemática na obra de Diego de Saavedra Fajardo, notadamente, *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas*, ou *Empresas Políticas*, como ficou conhecida **(Figura 1)**.

A obra foi dedicada ao príncipe Baltasar Carlos, filho do rei Felipe IV:

> Propongo à V. A. la Idea de vn Principe Politico Christiano representada con el buril, i con la pluma, paraque por los ojos, i por los oidos (instrumentos del saber) què de mas informado el animo de V. A. en la sciencia de Reinar, i sirvan las figuras de memoria artificiosa[37]

Trata-se de um gênero literário que, retomando a tradição dos *espelhos de príncipes* medievais, procurar traçar o perfil do príncipe perfeito, através de aconselhamentos úteis à sua arte de governar, e que se difundiu amplamente na cultura barroca.

De acordo com Francisco Javier Díez de Revenga, nas *Empresas Políticas*

> [...] se desubren todas las raíces más sólidas de la literatura y la cultura barrocas: el desengaño, el perspectivismo óptico y moral, los recursos visuales, los paralelismos y los antítesis, la simbolización moral, así como temas literarios muy integrados en la literatura de este tiempo: el desprecio del mundo, y la miseria de la condición del hombre, la consideración del mundo como gran teatro, los ultrajes de la muerte y la pérdida de la juventud y la lozanía, la cuna y la sepultura, la presencia del tiempo, los engaños y disfraces, los trampantojos, los espejos, la falsedad de las apariencias. Sólo la inteligencia y la reflexión y la autenticidad sirven para conducir el príncipe por este mundo engañoso y lleno de peligros, simbolizados por multitud de objetos de raíz literaria, que aparecem dibujados en cada una de las empresas[38].

O gênero originou-se na Itália com a publicação, em 1531, da obra *Emblematum Liber*, de Andrea Alciato (1492-1550)[39], e se espalhou pela Europa até fins do século XVII. Durante este período, produz-se em toda a Europa, um número significativo de obras de *emblemas* e

36 ALDEA VAQUERO, Quintin. *España y Europa en el siglo* XVII: correspondencia de Saavedra Fajardo, Tomo I (1631-1633). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1986.

37 SAAVEDRA FAJARDO, op. cit., p. 2. Mantivemos a grafia original, isto é, o espanhol antigo.

38 DÍEZ DE REVENGA, F. J. Introducción biográfica y crítica. In: SAAVEDRA FAJARDO, D. *República literaria*. Murica: Real Academia Alfonso X El Sabio, 2008, p. 28-29.

39 Conferir a edição espanhola: ALCIATO, A. *Emblemas*. Madrid: Akal, 1993.

empresas, o que demonstra o seu universalismo e põe em evidência uma característica comum da cultura barroca.

Segundo Henri Stegemeier: "A influência dos [autores] emblemáticos é particularmente grande na literatura barroca e um maior entendimento do período barroco ocorrerá após a compreensão mais profunda da literatura de emblemas"[40]. Para Aurora Egido, o nascimento da emblemática com a obra de Andrea Alciato não deve ser entendido como fenômeno casual e isolado, mas pertencente a uma rica tradição simbólica[41].

Não temos, aqui, a pretensão de oferecer uma teoria geral da emblemática, mas compreender as características deste gênero, que, com Diego de Saavedra Fajardo atingiu uma estrutura harmônica[42].

Comecemos pela definição de *emblem*a. Roy L. Tanner, reproduz a definição precisa elaborada por Henri Stegemeier:

> Um verdadeiro emblema tem uma estrutura tripartida: primeiro, uma gravura (geralmente uma xilogravura ou gravura em cobre que contém um aspecto principal ilustrado com ou sem cena sinônima adicional extraída da gama mais variada de assunto); segundo, uma breve inscrição, a qual está, geralmente, impressa acima do desenho, como lema descritivo e que pode ser tirada de fontes bíblico-literárias e proverbiais; terceiro, um subscrito ou texto explicativo sob a gravura, geralmente como um epigrama, ou outros versos com rimas ou com um texto em prosa, frequentemente seguido de longos comentários. As três partes apresentam um inter-relacionamento, pois a imagem representa significados ocultos que o texto quer interpretar e revelar. O emblema, como uma unidade inteira, deseja dizer mais do que meramente o óbvio na gravura; ele deseja instruir. A terminologia tradicional dessa inter-relação, é que a gravura é o corpo, e o texto é a alma; juntos, eles produzem o significado. O mesmo desenho, contudo, pode ter muitos significados diferentes e a invenção para as novas explicações aos temas tradicionais ilustrados, tornaram-se especialmente populares entre os emblemáticos barrocos[43].

---

40 "The influence of emblematics is particularly great in baroque literature, and a great understading of the baroque períod will occur after a deeper understanding of emblem literature has been gained". STEGEMEIER, H. Book Reviews. *The Journals of English and Germanic Philology*, v. 67, n. 4, p. 658, 1968.

41 Para Aurora Egido, o nascimento da emblemática com a obra de Andrea Alciato não deve ser entendido como fenômeno casual e isolado, mas pertencente a uma rica tradição simbólica. EGIDO, A. Prólogo. In: ALCIATO, A. *Emblemata*. Madrid: Akal, 1993, p. 7-8.

42 ARCO, Ricardo del. Baltasar Gracián y los escritores conceptistas del siglo XVII. In: DIAZ-PLAJA, Guilhermo. *Historia general de las literaturas hispánicas.* Barcelona: Editorial Barna, 1951, p. 718.

43 "A true emblem has a tripartite structure: first, a *pictura* (usually a woodcut or copper engraving which contains one main pictorial aspect with or without further synonymic scene taken from the widest range of subject matter); second, a concise inscriptio which is usually printed above the picture as a descriptive motto and which may be taken also from the greatest variety of literary-proverbial-Biblical sources; third, a suscriptio or explnatory text below the emblem, usually as an epigram or other rhymed verses or as a prose text, not infrenquently followed in the latter development by lengthy commentaries. The three parts have a set relationship to one another, for the picture (*res picta*) represents hidden meanings and significance which the text wants to interpret and reveal (*res significans*). The emblem as an entire unit wants to say more than merely that is obvious in the picture; it wants to instruct. The

O *emblem*a é, portanto, um conceito expresso em forma pictórica, uma combinação perfeita entre o visual e o intelectual. Francisco Maldonado de Guevara, numa análise semântica do termo, explica que: "El emblema constituye una construcción binaria, la cual extraña una analogía *sui géneris*. Difícilmente puede ser definida con los términos sabios, y sazonados por una secular elaboración, de la analogia"[44].

Para Ernest Robert Curtius, "O emblema é uma 'alegoria', geralmente com texto. [...] A *empresa* (aquilo que se pretende 'empreender', a máxima ou norma da vida pessoal) consiste igualmente em imagem e mote".[45]

Os antecedentes da arte emblemática encontram-se na Antiguidade. Figuram, em primeiro lugar, os hieróglifos egípcios, recuperados pela Renascença. O homem renascentista, em seu desejo de recuperar a cultura egípcia, deparou-se com um problema de linguagem, já que as representações desta cultura apareciam, muitas vezes, em forma ininteligível.

Segundo Santiago Sebastian:

> El lenguaje de los jeroglíficos era realmente hermético y esto se consideró como algo inherente, prueba de una sabiduría profunda y misteriosa, de origen divino: presentaba palabras por medio de figuras o símbolos [...]. Los humanistas se dedicaron con entusiasmo a descifrar este lenguaje hermético y hasta se atrevieron a recrearlo, como hizo Francisco Colonna en la novela arqueológico-amorosa titulada El Sueño de Polifilo, que ejerció una auténtica fascinación[46].

A Idade Média representou, também, uma fase importante no processo de formação da literatura emblemática. Neste aspecto, é possível falar de um verdadeiro reverdecer de medievalismo, na literatura do século XVII, comum às letras de todos os países nos quais os *emblemas* adquiriram uma extensa difusão[47]. Dentre os elementos da cultura medieval que contribuíram para o surgimento da emblemática, encontram-se os painéis medievais.

Segundo a afirmação de Pedro Campa:

---

traditional terminology of this interrelationship is that the picture is the body, and the text is the soul; together they produce the *significatio*. The same picture, however, can have many differents meanings, and the invention of ever new explanations for traditional pictorial themes became especially popular with baroque emblematists". Apud TANNER, Roy L. "La influencia de la emblemática en el "Cisne de Apolo". *Cuadernos Hispanoamericanos,* n. 328, p. 75, 1977.

44 MALDONADO DE GUEVARA, F. Emblemática y política. La obra de Saavedra Fajardo. *Revista de Estudios Políticos*, n. 43, p 18, 1949.

45 CURTIUS, Ernest Robert*. Literatura européia e Idade Média latina.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957, p. 363.

46 SEBASTIAN, Santiago. La emblemática moral de Vaenius en iberoamérica. *Goya:* Revista de Arte, n. 234, p. 322, 1933.

47 MARAVALL, José Antonio*. Estudios de historia del pensamiento español:* serie tercera - el siglo del barroco. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1984, p. 203.

> La combinación de pintura y leyenda, ejemplificada por la pintura de los retablos medievales, donde un fajín describía el nombre del santo o señalaba el nombre de la personificación alegórica, poco a poco se transforma en enigma conceptista descifrable sólo por los elegidos. Algunas de estas pinturas no sólo están en estrecha relación, sino que son claras precursoras del emblema en España[48].

Um segundo elemento da medievalidade importante na formação da emblemática, encontra-se na cultura cavaleiresca. A heráldica, com suas representações ocultas de conceitos sob figuras, ao recorrer preceptivamente à perspicácia e à habilidade, comuns no mundo da cavalaria, despertou o gosto pelos *emble*mas.

Uma das principais características da literatura de *Empresas*, que Saavedra Fajardo observa rigidamente, é a proibição, no corpo das mesmas, de representações de figuras humanas inteiras. Para José Antonio Maravall,

> Esto alguna vez se ha tomado como manifestación de un naturalismo moderno, al observar el hecho en pleno XVII. En realidad, es una herencia de leyes heráldicas medievales, que un texto del siglo XV, en el que se expone la doctrina sobre la caballería - nos referimos a la << Cadira del honor >> de Rodriguez de la Cámara - interpreta en el sentido de que si el animal racional no puede tomar-se como motivo para ilustrar las armas del caballero es porque el hombre está hecho para usar de las armas y no para ser usado[49].

Outro aspecto da herança medieval presente na emblemática é a utilização dos *exempla* como método doutrinante. Os *exempla* são parte integrante dos chamados *espelhos de príncipes*, um gênero narrativo surgido no começo do século VI e elaborados para instruir reis e futuros monarcas, no tocante a assuntos relacionados ao governo do reino[50]. No século XVII, havia, não apenas reedições destes antigos espelhos, mas composições novas inspiradas neste gênero. O próprio Saavedra criou um típico espelho de príncipe, a já mencionada *Introducciones a la política y razão de Estado del Rey Católico don Fernando*.

A relação entre os *exempla* e os *emblemas* é tão estreita que José Antonio Maravall

---

48 Apud TANNER, Roy L. La influencia de la emblemática en el "Cisne de Apolo". *Cuadernos Hispanoamericanos,* n. 328, p. 76, 1977.

49 MARAVALL, op. cit., p. 204-205.

50 Para um breve histórico da origem e difusão dos *espelhos de príncipes*, conferir: GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV:* os Estados. São Paulo: Pioneira, 1981, p. 114-118; ROEDEL, Leila Rodrigues. De Formula Vitae Honestae: uma obra de caráter político-moral. *Veritas,* Vol. I, núm. 1. Porto Alegre: PUC, 1995, p. 355-367; LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 357-381; BIZARRI, H. O. Las colecciones sapienciales castellanas en el processo de reafirmación del poder monárquico (siglos XIII-XIV). *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, n. 20, p. 35-71, 1995; RUCQUOI, A; BIZARRI, H. O. Los Espejos de Príncipes en Castilla: entre Oriente y Occidente. *Cuadernos de Historia de España*, v. 79, n. 1, p. 7-30, 2005.

afirma categoricamente que "al llamado <<Libro de los ensemplos>> no le falta para ser una obra en emblemas más que las representaciones gráficas"[51].

Ao responder ao efeito da ininterrupta circulação dos repertórios dos *exempla*, a literatura emblemática se apoia na firme crença típica dos livros político-morais do século XVII que, seguindo a tradição dos séculos anteriores, enfatiza o valor exemplar dos casos concretos. Sua finalidade e "essencialmente moral e didática"[52].

Para Roy L. Tanner, uma das características mais significativas dos *emblemas*

> era la gran diversidad de temas, orientaciones y propósitos que icorporaban y que les motivaban a sus creadores. [...] se podían encontrar coleciones de emblemas religiosos, bíblicos, cristológicos, mariológicos, eróticos, cortesanos, políticos, heráldicos y alguímicos [53].

A tendência didático-moralista permeia muitas das obras de escritores emblemáticos, e, em especial, a de Diego de Saavedra Fajardo. O gênero contou com grande número de seguidores na Espanha[54].

Roy L. Tanner destaca que:

> [...] probablemente había más <<emblemas morales>> en España que en cualquier otro país. En esto se notaba su acercamiento a la Edad Media. La tendencia religiosa de los emblemas españoles subrayaba casi toda la producción emblemática del país com la excepción de alguna empresas políticas[55].

De acordo com o critério utilizado pela maioria dos escritores emblemáticos, a literatura criativa justificava-se devido sua capacidade de ensinar, incutir a filosofia, a religião, a virtude e a ética. Neste sentido, é possível afirmar que os *emblemas* tiveram, desde o início, uma finalidade pedagógica.

Segundo Henri Stegemeier:

---

51 MARAVALL, op. cit., p. 207.

52 GONZALEZ DE ZARATE, J. M. La visión emblemática del triunfo del alma en la obra de Rubens y Jan Brueghel <<Guirnalda con la Virgen y el Niño>>. *Goya*: Revista de Arte., n. 209, p. 283, 1989.

53 TANNER, op. cit., p. 79.

54 Dentre os escritores da emblemática espanhola, podemos destacar: Juan de Borja, *Empresas morales* (1581), o primeiro a publicar um livro de "Empresa" na Espanha; Juan de Horozco y Covarrubias, *Emblemas morales* (1591); Hernando de Soto, *Emblemas moralizadas* (1599); Sebastián Covarrubias, *Emblemas morales* (1612); Francisco de Villava, *Empresas espirituales y morales* (1613); Cristóbal Pérez de Herrera, *Proverbios morales* (1618); Pedro Bivero, *Sacrum Oratorium Piarum Imaginum* (1634); o próprio Saavedra Fajardo, *Idea de un príncipe político-cristiano* (1640/42); Alonso de Ledesma, *Concepto espirituales* (1648); Juan Solórzano Pereyra, *Emblemata centum regio-política* (1651); Francisco Núñez de Cepeda, *Idea del Buen Pastor* (1682) e J.F. Fernández de Heredia, *Trabajos y Afanes de Hércules* (1682). Como se pode ver, a tendência moralista iniciada por Juan de Borja, parece ter sido o denominador comum de todas as obras posteriores.

55 TANNER, op. cit., p. 82.

> Desde o início, pensou-se que os livros de emblemas poderiam ser úteis como livros de modelo para pintores, artistas, escultores, ourives, cortadores de vidro, bordadeiras e desenhistas. Estas obras também foram de grande utilidade para oradores, conselheiros, poetas, professores e homens das ciências. Esperava-se que a partir dos emblemas e suas belas margens, alguém pudesse achar temas adequados para funerais, núpcias, triunfos e dramas[56].

Os *emblemas* eram frequentemente utilizados nas pinturas. Uma análise pormenorizada da pintura do século XVII, revela que em várias destas obras encontram-se, sob um aparente realismo, todo um acúmulo de mensagens que, sem dúvida, os grandes mestres quiseram transmitir. Um exemplo disto, é a obra *Guirnalda con la Virgen y El Niño*, de Rubens y Jan Brueghel, na qual aparecem vários animais, dispostos tanto na grinalda, como no fundo do quadro.

Para J. M. González de Zarate:

> [...] estas representaciones no se hacen a capricho, sino que responden a unas claves concretas de lectura fundamentadas en esta literatura ilustrada que conocemos como emblemática y en la tradición cultural que entendía, ya desde épocas pretéritas, que mediante el mundo animal y su comportamiento se podíam estabelecer claras consecuencias morales para el hombre[57].

Uma amostra da influência da emblemática na pintura contemporânea pode ser vista na obra de Pablo Picasso. Segundo Francisco Maldonado de Guevara:

> En la obra de Picasso, a partir de 1937, surge el emblema abortado, y abortado solo por faltar en la realización, y junto al claro pictograma, la sentencia concomitante. El cuadro consiste en una espesada arte combinatoria de símbolos combinados en una complicada alegoría[58].

O emprego de *emblemas* na decoração de ambientes seculares, também era uma prática muito comum. Henri Stegemeir destaca que os emblemas podiam decorar, castelos, cidades, corredores, hospitais, bibliotecas[59]. Na Espanha, Felipe IV mandou construir um

56 "From de start emblen books were thought of as being utilitarian, in so far that they were to serve as book of patterns for painters, artists, sculptors, goldsmiths, glass-cutters, enbroideres and designers. They were also to be usdeful volumes for orators, preachers, poets, teachers, and men of learning. It ws hoped that from the emblems and the beautiful borders about them, one could find motifs suitable for funerals, nuptials, trimphs, and dramas". Apud TANNER, op. cit., p. 80.

57 GONZÁLEZ DE ZARATE, op. cit.,p. 289-290.

58 MALDONADO DE GUEVARA, op. cit., p. 20.

59 STEGEMEIER, H. Book Reviews. *The Journals of English and Germanic Philology*, v. 67, n. 4, p. 658, 1968.

emblemático palácio, *El Buen Retiro*, para servir-lhe como lugar de descanso e recreação[60].

Os *emblemas* eram igualmente empregados em ambientes religiosos. Os jesuítas foram grandes divulgadores da literatura de emblemas. Santiago Sebastian encontrou cerca de trinta emblemas da obra de Otto Vaenius (1557-1629), copiados em azulejos do mosteiro de São Francisco, na Bahia[61]. Eram, também, entalhados em móveis, reproduzidos em azulejos, ladrilhos e naipes. Qualquer que fosse o seu uso, não perdiam o caráter didático-moralista: o de incutir, pela fixação da imagem, um conteúdo filosófico, moral, religioso e político.

É necessário esclarecer uma última questão: a relação entre *Emblema e Empresa*. Frequentemente ambos os termos são tratados como sinônimos. Haveria alguma especificidade que os diferencia?

À medida que se proliferaram os livros de *emblemas*, começou a desenvolver-se uma teoria da emblemática. Juan de Horozco y Covarrubias (c.1540-1608), o primeiro a oferecer uma teoria do gênero, começa o livro primeiro de seus *Emblemas Morales*, com um capítulo introdutório no qual procura definir o que são *Emblemas, Empresas, Insígnias, Divisas, Símbolos e Hieróglifos*[62].

Para o autor, *Emblema*:

> [...] es pintura que significa aviso debaxo de alguna o muchas figuras y tomo el nombre dela antigua labor que assi se dezia, por sser echa de muchas partes puestas y encaxadas, como es con menudas piedras de varias colores la labor que llaman Mosayco: y tuuo este nonbre, segun dizen algunos del autor que la renouo siendo inuencion antigua de los Godos[63]

E *Empresa*:

> [...] se dize la figura de algun proposito que por ser el fin de lo que se emprende vino a llamar se empresa, y fue propia de los hechos de armas verdaderos y a imitacion dellos vino a vsarse en los fingidos y en particular se vsaran essas empresas en los desafios comno se vee en el que pondre aqui de vn caualero principal de Castilla que en tempo del Rey don Enrique el Tercero desafio a outro, y entre las demas razones que por escrito dio a vn su escudero para que las dixesse fueron las se siguen. Yo vos digo de su parte como aquel

60 BROWN, Jonathan e ELLIOT, J.H. *Un palacio para el Rey:* el Buen Retiro y la corte de Felipe IV. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

61 SEBASTIAN, op. cit., p. 325.

62 Optamos por apresentar apenas as definições de *Emblemas* e *Empresas* por relacionar-se diretamente com a obra de Diego de Saavedra Fajardo em discussão, isto é, as *Empresas Políticas*. Também a de *Hieróglifos*, por ser fonte inspiradora de ambos os gêneros.

63 HOROCO Y COVARRUUIAS, Juan de. Emblemas Morales de Don Ivan de Horosco y Couarruuias Arcediano de Cuellar de la Santa Yglesia de Segouia. Segouia: Iuan de la Cuesta, 1589, p. 32. Disponível em http://alfama.sim.ucm.es/dioscorides/consulta_libro.asp?ref=B18726586&idioma=0 Acesso em 20/04/2019. Nas citações desta fonte mantivemos a grafia original, isto é, o espanhol antigo.

> que su propia creencia trae que por la ofensa a el ha venido de vuestra palavras, el ha puesto por vos vna empresa enel braço derecho la qual es vn sol de oro y de azero com vna luna de plata y en la luna vn titulo que dize POR EL SOLO[64].

A *Empresa*, neste caso, serve como distintivo usado em um desafio, mas também podia ser ostentada em "auenturas de armas quando los caualleros y Principes saliam de sus tierras a conquistas y por senal propria y muestra se su valor y pretensiones las usuan"[65].

Por fim, segue a definição de *Hieróglifos*:

> Hieroglyphicos es otro nombre de los mas propios que las Emblemas y Empresas tienen, por hauer sido imitacion de aquellas antiguas letras que los Egypcios llamaron assi, y quiere dezir sagradas esculturas, de que hazen autor a Mercurio Trimegisto, de cuya dotrina y de los demas antiguos Egypcios se dize auer auido entre ellos las colunas que tambien llamaron sagradas, y que estas fue abuscar Platõ y se aprouecho tanto dellas. Estrabõ dize auer ydo en compañia de Eudoxo, y que por espacio de treze años comunicaron con los sacerdotes Egypcios. Tertuliano llama estas letras Chaldeas, y tuuo razon, por auerlas deprendido de los Chaldeos, y ellos de los antiguos Hebreos, a quien se deue la verdadera inuencion de las letras todas, y de las sciencias; las cuales enseñados de Dios y de sus prophetas, supieron maravillosamente aprouecharse de las figuras y semejanças, de que vemos estar llena la Sagrada Escritura. Y conforme a esto la invención destas que llamamos Emblemas, Empresas [...] y que en realidad son Hieroglyphicos y sagradas letras[66].

Nesta passagem, Juan de Horozco y Covarrubias, teórico da emblemática de seu tempo, mostra uma origem divina dos *Hieróglifos*, *Emblemas* e *Empresas*. A identificação de *Empresa* com passagens da Bíblia, também é apontada por Diego de Saavedra Fajardo. No prólogo "ao leitor" ele adverte:

> A nadie podrá parecer poco grave el asunto de las Empresas, pues fué Dios autor dellas. La sierpe de metal (Núm. cap. 21), la zarza encendida (Exod. cap. 3), el vellocino de Gedeón (Judic. cap. 6), el león de Sansón (Judic. cap. 14), las vestiduras del Sacerdote (Exod. cap. 28), los requiebros del Esposo (Cant. Cantic.), ¿qué son sino Empresas?[67].

Francisco Murillo Ferrol, ao estudar a classificação elaborada por Juan Horozco y Covarrubias, chega à conclusão que: com respeito à forma, a *Empresa* parece apontar para um maior grau de abstração no simbolismo, que o *Emblema*. No desenho, a *Empresa* se caracteriza

64 Ibidem, p. 33-34.
65 Ibidem, p. 34.
66 Ibidem, p. 38-39.
67 SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. *Idea de un principe político-cristiano representada en cien empresas*. Madrid: Espasa Calpe, 1942, v. 1, p. 8-9.

pela ausência de figuras humanas inteiras, o que atrairia sobre si a atenção, desviando-a do verdadeiro núcleo enigmático da composição. Ademais, no geral, o breve mote da *Empresa* acentua seu caráter hieroglífico frente a uma maior amplitude explicativa do *Emblema*[68].

Diego de Saavedra Fajardo adota plenamente as normas para composição de *Empresas* estipuladas por Juan de Horozco y Covarrubias. A figura humana inteira, jamais aparece nas *Empresas Políticas*. Às vezes, aparece um braço saindo das nuvens **(Figura 2)**, outras, um corpo da cintura para cima **(Figura 3)**, ou da cintura para baixo **(Figura 4)**. Os motes costumam ser muito concisos e, em alguns casos, a explicação é muito difícil. As figuras surpreendem pela genialidade e beleza[69].

Ludwig Pfandl, também a partir do estudo de Horozco y Covarrubias, procura chegar a uma definição de *Empresas*. Segundo ele:

> [...] la empresa es el arte de simbolizar gráficamente los aforismos y dar forma penetrante a toda su capacidad alusiva y a su fuerza expresiva, valiéndose del efecto visual y del estímulo de la inteligencia. Su elemento figurativo es principalmente de carácter y arte barrocos, en conjunto es la tendencia conceptista hacia una intelectualización complicada de la transmisión del pensamiento, tendencia que no necesitaba extenderse a la forma de expresión lingüística[70].

É quase que desnecessário dizer que esta definição se aplica exclusivamente às *Empresas* de caráter literário, que é o que estamos tratando. Isoladamente, o termo era muito utilizado na época, para designar um empreendimento, uma empreitada ou investida[71].

Excetuando as especificidades de ordem meramente classificatórias, não existem diferenças significativas entre *Emblemas* e *Empresas*, sobretudo no que diz respeito aos seus objetivos. Lembremos da afirmação de Ernest Robert Curtius: "emblema e empresa não se

---

68 MURILO FERROL, op. cit., p. 30-31.

69 Francisco Murilo Ferrol aponta várias outras *Empresas* na obras de Diego de Saavedra Fajardo, que exemplificam sua fidelidade à teoria da emblemática proposta por Juan Horosco y Covarrrubias. Explicita, além do mais, um conjunto de normas estipuladas por Horosco y Covarrubias para composição de *Empresas*, igualmente obedecidas por Saavedra Fajardo: "Es preciso, ante todo, cuidar que exista la proporción debida entre el cuerpo y el alma, entendiendo por cuerpo la invención y por alma el mote [...] La empresa no debe ser 'tan clara que culquiera la entienda ni tan oscura que sea menester quien la declare' [...] No debe tener las empresas figuras humanas, debe cuidarse mucho que tengan buena vista y el mote ha de ponerse con graça e donde conviniere. La empresa ha de tener 'buen intento y proposito' y de ser 'cosa que está por venir, porque de las cosas pasadas es memoria y recuerdo solamente, y no tiene que ver con empresas'. Por último, debe ser original por manera que se muestre el ingenio en la invencion y no usar de la invención ajena". MURILO FERROL, op. cit., p. 32.

70 PFANDL, op. cit., p. 601.

71 FERNÁNDEZ SEGADO, Francisco. Alejandro Farnesio ante los planes de la "Empresa de Inglaterra". *Hispania:* Revista Española de Historia, n. 165, p. 119-161, 1987.

separam"[72]. São, portanto, duas formas de manifestação de uma mesma literatura. Literatura esta que é a mais pura expressão de seu contexto histórico; uma época fatigada de espírito moralizante e pedagógico.

Diego de Saavedra Fajardo, como homem de seu tempo, não poderia passar incólume a esta tendência. Sua obra *Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas*, está, portanto, repleta deste espírito presente no ambiente cultural a Espanha seiscentista.

Figura 1



Fonte: SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. **Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas** (Fac-símile da edição de 1642). Murcia: Real Academia Alfonso X, el Sabio, 1994.

[72] CURTIUS, op. cit., p. 363.

Figura 02



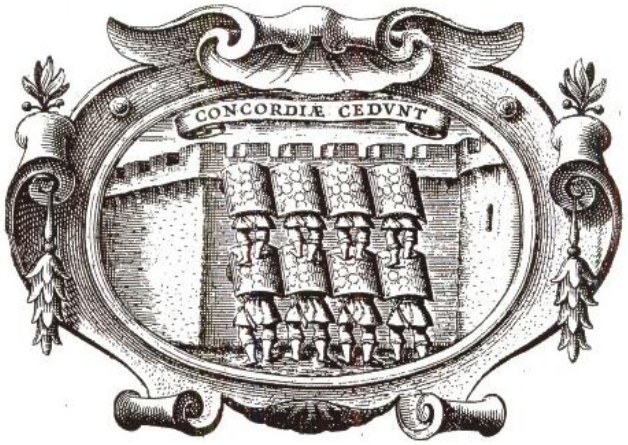
Fonte: SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. **Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas** (Fac-símile da edição original de 1642). Murcia: Real Academia Alfonso X, el Sabio, 1994, p 186. (Empresa LXXIII).

Figura 03



Fonte: SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. **Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas** (Fac-símile da edição original de 1642). Murcia: Real Academia Alfonso X, el Sabio, 1994, p. 187. (Empresa LXXV).

Figura 04



CRecen con la concordia las cosas pequeñas, i sin
ella caen las mayores. Resisten vnidas à qual-
Oooo 2 quier

Fonte: SAAVEDRA FAJARDO, Diego de. **Idea de un príncipe político-cristiano representada en cien empresas** (Fac-símile da edição original de 1642). Murcia: Real Academia Alfonso X, el Sabio, 1994, p. 188. (Empresa LXXXIX).